



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR BARROS ARAÚJO – PICOS
CURSO: BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO



**“NOSSA UNIÃO É A NOSSA MAIOR FORÇA”: SABERES TRADICIONAIS E
EMPREENDEDORISMO SOCIAL EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
SEMIÁRIDO PIAUIENSE**

JAINE MARIA LEAL ROCHA

Picos-PI

2025

JAINÉ MARIA LEAL ROCHA

**“NOSSA UNIÃO É A NOSSA MAIOR FORÇA”: SABERES TRADICIONAIS E
EMPREENDEDORISMO SOCIAL EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
SEMIÁRIDO PIAUIENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração de Empresas da Universidade Estadual do Piauí, campus de Picos como requisito para obtenção do título de Bacharel.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Ermínia Medeiros Macêdo Dantas

**Picos-PI
2025**

R672n Rocha, Jaine Maria Leal.

"Nossa união é a nossa maior força": saberes tradicionais e empreendedorismo social em uma comunidade quilombola do semiárido piauiense / Jaine Maria Leal Rocha. - 2025.

57 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Bacharelado em Administração, Campus Prof. Barros Araújo, Picos-PI, 2025.

"Orientadora: Prof.^a Dra. Ermínia Medeiros Macêdo Dantas".

1. Empreendedorismo Social. 2. Comunidade Quilombola. 3. Saberes Tradicionais. 4. Sustentabilidade. 5. Autonomia. I. Dantas, Ermínia Medeiros Macêdo . II. Título.

CDD 658.421

JAINÉ MARIA LEAL ROCHA

**“NOSSA UNIÃO É A NOSSA MAIOR FORÇA”: SABERES TRADICIONAIS E
EMPREENDEDORISMO SOCIAL EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
SEMIÁRIDO PIAUIENSE**

Monografia apresentada ao Curso de
Administração como um dos requisitos para a
obtenção do título de Bacharel em Administração
de empresas pela Universidade Estadual do
Piauí/UESPI.

Data da aprovação: 23 / 06 / 2025 Nota: 10

ERMÍNIA MEDEIROS MACÊDO DANTAS

Profa. Dra

Professor Orientador

NEILANY ARAÚJO DE SOUSA

Profa. Ma

Professor Membro

JEISY DOS SANTOS HOLANDA

Profa. Esp

Professor Membro

Dedico o presente trabalho a meu pai e a minha mãe
que, sob muito sol, me fazem chegar a toda e
qualquer conquista pela sombra e com água fresca.

AGRADECIMENTOS

A jornada de elaboração deste trabalho foi um caminho de aprendizado e superação, e por isso, a gratidão se faz presente em cada linha.

Primeiramente, agradeço a Deus e à Espiritualidade, por me guiar e me conceder a força e a sabedoria necessárias para trilhar este percurso.

Aos meus pilares, meu pai e minha mãe, por todo o amor incondicional, apoio irrestrito e por acreditarem em mim em cada etapa da vida, este trabalho também é fruto da dedicação e dos sacrifícios de vocês.

À Comunidade Quilombola Custaneira, em especial ao seu líder Naldinho, por sempre me receber de braços abertos, compartilhar seus saberes, suas histórias e permitirem que este estudo fosse possível, a riqueza de suas experiências e a generosidade com que me acolheram serão eternamente lembradas.

Aos meus amigos de turma, companheiros de desafios e conquistas, pelas trocas, pela parceria e pelos momentos de descontração que tornaram a caminhada mais leve.

Aos meus amigos de profissão, que, com sua inspiração e apoio, me motivaram a buscar novos conhecimentos e a aprimorar minhas habilidades.

À minha orientadora, pela paciência, pela dedicação incansável, pelos valiosos ensinamentos e pela confiança depositada, sua orientação foi fundamental para a concretização deste projeto.

Aos professores do curso, por transmitirem seus conhecimentos e por contribuírem para a minha formação profissional e pessoal.

E, por fim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram com uma palavra de incentivo, um conselho ou um gesto de apoio, a ajuda de cada um foi essencial.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa investiga como a comunidade quilombola Custaneira, situada no Piauí, pratica o empreendedorismo social por meio de seus saberes tradicionais. A pesquisa possui abordagem qualitativa, com coleta de dados realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com o líder da comunidade, Naldinho. Também foi utilizada a técnica de observação participante, permitindo uma imersão na realidade da Custaneira. Os resultados evidenciam que os saberes ancestrais guiam a vida da comunidade, desde o manejo da terra até a resolução de conflitos, sendo transmitidos oralmente e pela prática dos mais velhos. Iniciativas como a roça comunitária e o artesanato são movidas pela cooperação e reciprocidade, buscando o bem-estar coletivo e a solução de problemas locais, impulsionadas por seu líder Naldinho. Essa fusão de tradição e empreendedorismo social é crucial para a resiliência da Custaneira, refletindo-se nas suas produções, que não só geram renda, mas principalmente valorizam a identidade da comunidade. Embora haja desafios ao lidar com exigências de mercado e burocracia, a comunidade consegue se adaptar sem perder suas raízes, valorizando a inovação que fortalece o que é tradicional. Conclui-se que o empreendedorismo social na Custaneira é uma estratégia de resistência e reprodução cultural, que busca o desenvolvimento sustentável com base em seus próprios valores e saberes, garantindo que o futuro seja construído sem abrir mão da identidade.

Palavras-chave: Empreendedorismo social quilombola; Saberes tradicionais; Sustentabilidade; autonomia.

ABSTRACT

This research paper investigates how the Custaneira quilombola community, located in Piauí, practices social entrepreneurship through its traditional knowledge. The research has a qualitative approach, with data collection carried out through a semi-structured interview with the community leader, Naldinho. The participant observation technique was also used, allowing an immersion in the reality of Custaneira. The results show that ancestral knowledge guides the life of the community, from land management to conflict resolution, being transmitted orally and through the practice of the elders. Initiatives such as community farming and handicrafts are driven by cooperation and reciprocity, seeking collective well-being and the solution of local problems, driven by their leader Naldinho. This fusion of tradition and social entrepreneurship is crucial to Custaneira's resilience, reflected in its productions, which not only generate income but also enhance the community's identity. Although there are challenges in dealing with market demands and bureaucracy, the community manages to adapt without losing its roots, valuing innovation that strengthens what is traditional. It is concluded that social entrepreneurship in Custaneira is a strategy of resistance and cultural reproduction, which seeks sustainable development based on its own values and knowledge, ensuring that the future is built without giving up its identity.

Keywords: Quilombola social entrepreneurship; Traditional knowledge; Sustainability; autonomy.

“Dentro de suncê tem um espelho, e dentro desse
espelho tem a resposta para tudo!”
(Vovó Cambinda - Preta velha)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização da comunidade Custaneira	24
Figura 2: Núcleo residencial da comunidade Custaneira	25
Figura 3: Produtos artesanais da comunidade Custaneira	40
Figura 4: Dona Rita, Matriarca da comunidade Custaneira, vendendo as garrafadas.	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivos Específicos	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 Saberes tradicionais e comunidades quilombolas	15
3.2 Inovação social e empreendedorismo	19
3.3 Empreendedorismo social em comunidades quilombolas	21
4 MÉTODOS E TÉCNICAS	24
4.1. Caracterização da área de estudo	24
4.2 Coleta e análise dos dados	25
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5.2 Influência dos saberes tradicionais na dinâmica social quilombola	33
5.3. Relação entre saberes tradicionais e Empreendedorismo Social	37
APÊNDICE	56

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1990, o empreendedorismo emergiu no Brasil, inicialmente ligado à administração de empresas, contudo, seu conceito rapidamente evoluiu, abrangendo novas dimensões, essa expansão deu origem a vertentes como o empreendedorismo inovador, focado em soluções disruptivas, e o empreendedorismo econômico, que busca crescimento e riqueza, de forma crescente e com notável relevância, surgiu o empreendedorismo social, diferente das abordagens tradicionais, o empreendedorismo social visa a criação de valor social e ambiental, não apenas financeiro, buscando soluções para problemas da sociedade, essa ampliação reflete uma compreensão mais abrangente de que a iniciativa e a proatividade podem ser ferramentas poderosas para gerar impacto positivo em diversas esferas, transcendendo o lucro e direcionando esforços para o bem-estar coletivo (Aquino, 2013)

O empreendedorismo social surgiu como mecanismo estratégico para o progresso social de comunidades que não são favorecidas pelos investimentos públicos ou até mesmo privados. Bueno (2017) ressalta que o objetivo dessa atividade deve ser a transformação do meio em que está inserido, no intuito de resolver e minimizar a problemática social em setores como educação, saúde, violência, economia entre outros. O empreendedorismo social difere significativamente do modelo de empreendedorismo tradicional, enquanto este último foca primordialmente no lucro financeiro, o empreendedorismo social busca ir além, priorizando a geração de soluções impactantes para a sociedade, seu objetivo principal é promover o bem-estar de grupos sociais específicos, abordando desafios e lacunas existentes, para que o empreendedorismo social floresça, é crucial reconhecer e valorizar o conhecimento local e as habilidades dos moradores de uma comunidade.

Esses saberes e ofícios, como descritos por Diegues (2000), representam um patrimônio cultural e social, eles englobam um conjunto de informações, práticas e conhecimentos que são transmitidos de uma geração para outra dentro de grupos sociais e comunitários, isso se manifesta em seus costumes, valores e técnicas, que são a base para o desenvolvimento de soluções inovadoras e culturalmente

relevantes. Assim, é por meio deles que o empreendedorismo social atua, por meio de práticas singulares direcionadas a gerar retorno financeiro para a localidade.

Nesse sentido, o problema central desta investigação é: Como os saberes tradicionais influenciam as práticas de empreendedorismo social desenvolvidas na comunidade Quilombola Custaneira?

A literatura atual aponta para uma diversidade de entendimentos sobre as características que definem o empreendedorismo social e os saberes tradicionais no contexto das comunidades tradicionais, ou seja, não existe um consenso unificado entre os pesquisadores sobre esses conceitos, o que reflete a complexidade e a riqueza dessas intersecções. Neste sentido, justifica-se a necessidade do trabalho no intuito de contribuir para ampliar o debate e reduzir a lacuna existente, buscando a compreensão do empreendedorismo social nas comunidades quilombolas atrelados aos saberes tradicionais, o que revela sua importância na atualidade.

O cerne desta pesquisa reside na exploração do empreendedorismo social dentro da comunidade quilombola Custaneira, com especial atenção à sua conexão com os saberes tradicionais, esse foco permitiu não apenas identificar as práticas existentes, mas também compreender a profunda influência da tradição no cotidiano e como ela se entrelaça com as iniciativas empreendedoras locais.

Neste estudo, as experiências socioprodutivas são analisadas tanto sob a vertente econômica como em uma visão cultural, pois é possível desenhar a organização social e econômica nessas comunidades a partir dos elementos culturais nelas presentes. Com isso, promover diálogos entre conhecimentos científicos e práticos das comunidades quilombolas é uma forma de valorizar conhecimentos e experiências ricas dentro delas, o que é crucial para compreender o seu papel na construção cultural e social do Brasil.

A estrutura dessa pesquisa está organizada em cinco seções, a começar pelos aspectos introdutórios; em seguida, a fundamentação teórica explorando os saberes tradicionais e comunidades quilombolas, a inovação social e o empreendedorismo, e o empreendedorismo social em comunidades quilombolas. Por conseguinte, a apresentação dos resultados e discussão dos mesmos. Para finalizar, as considerações finais.

Este estudo se destaca por sua relevância, pois oferece informações valiosas que contribuem para um aprofundamento e uma expansão da discussão sobre o empreendedorismo social em comunidades quilombolas, a pesquisa busca, especificamente, compreender a convergência entre os saberes tradicionais desses grupos e suas práticas empreendedoras locais, iluminando a intersecção desses dois importantes campos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as práticas do empreendedorismo social na comunidade quilombola Custaneira na perspectiva dos seus saberes tradicionais.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as práticas de empreendedorismo social desenvolvidas na comunidade Custaneira.
- Descrever a influência dos saberes tradicionais no cotidiano da comunidade Custaneira;
- Relacionar os saberes tradicionais às práticas de empreendedorismo social locais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Saberes tradicionais e comunidades quilombolas

No cenário da diversidade cultural brasileira, as comunidades quilombolas representam expressões concretas de resistência histórica e de preservação identitária. Para compreender plenamente sua relevância sociocultural e a natureza de suas práticas, é essencial considerar a definição oficial que as reconhece como integrantes dos povos e populações tradicionais.

As comunidades quilombolas fazem parte dos chamados povos e populações tradicionais, entendidos como grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais, com formas próprias de organização social, usam territórios e recursos naturais para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Como exemplo de povos tradicionais, pode-se mencionar os indígenas, caixaras e ribeirinhas, pescadores, vaqueiros, castanheiros, e, dentre outros, os quilombolas. De acordo com Calheiros e Stadtler (2010), a palavra quilombo foi trazida para o Brasil por meio de pessoas escravizadas vindas da África, que, ao chegarem, assumiram diversos tipos de sentidos na época e variadas interpretações dependendo da região brasileira.

Neste contexto, Miranda (2012) ressalta que os quilombos no Brasil eram definidos como centros distintos de uma organização social e que existia dentro deles um sistema de produção para a subsistência. Os primeiros quilombos que surgiram no Brasil eram considerados como um poder adverso ao sistema latifundiário e escravista que perpetuava na época.

Segundo o pensamento de Souza (2008), por mais que o Estado tenha reprimido e tentado conter esse movimento para com o sistema escravocrata, a difusão do movimento e a resistência desses povos puderam ser observadas em todos os locais onde a escravidão ainda era presente. Em todo o território brasileiro, os quilombolas, que antes eram escravizados, buscavam meios de sobrevivência se adaptando à sociedade e assim formaram as comunidades quilombolas constituídas

com predominância de negros. No sustento, prevalecem as práticas agrícolas, o extrativismo e garimpagem, e criação de animais.

Conforme sugere Nora (1993), a formação histórica das comunidades quilombolas atuais têm a fundamentação baseada em uma memória coletiva que é resgatada dos quilombos iniciais, memória esta que tem a manifestação em locais que para os quilombolas são essenciais, como as casas antigas e as roças. Para a autora, é a partir da preservação dessa memória que há a garantia da continuidade, legitimidade territorial e o sentimento de pertencimento.

Nessa perspectiva, Assmann (2011; 2012) destaca como a manutenção de memórias coletivas é fundamental não apenas para a continuidade e a construção das identidades desses povos, mas também para uma vivência grupal em consonância e com sentido de pertencimento, essa perspectiva reforça a importância das narrativas e lembranças compartilhadas para a solidificação da identidade de um grupo e para a harmonização das relações sociais internas.

No contexto contemporâneo, as comunidades quilombolas passaram a ser vistas como espaços de resistência cultural, guiados e formados por grupos étnico-sociais que guardam uma memória de herança ancestral e que se identificam com a mesma. Assim, são reconhecidas como comunidades remanescentes dos quilombos por ainda preservarem práticas, tradições e condições específicas sociais, culturais e econômicas que diferenciam de outras partes da sociedade brasileira (Fiabani, 2007).

Segundo Aguiar (2010), às comunidades quilombolas defendem seus territórios e suas titulações, pois é somente com o sentimento de coletividade que a essência da identidade quilombola é conquistada, transcendendo assim a mera representatividade das posses de terras. A titulação das áreas quilombolas é um processo difícil e complexo, pois, pelo pertencimento do sentimento e o levante de uma questão social, não envolve apenas o repasse da nomenclatura das terras, mas, vai além disso, como o envolvimento do aspecto religioso, cultural, simbólico e político, assumindo assim uma esfera que perpassa as questões geográficas e administrativas.

Como mencionado por Alberti e Pereira (2007), o reconhecimento das comunidades quilombolas tem uma contribuição significativa que visibiliza a luta de resistência dos povos negros e ex-escravizados, mostrando os seus direitos nos espaços públicos da sociedade. Ademais, contribui sobremaneira para manutenção

dos saberes tradicionais, que refletem todo conhecimento dessas populações com a ancestralidade, tradicionalidade e sustentabilidade.

Entender o que são saberes tradicionais é, principalmente, compreender que sempre haverá a utilização de recursos naturais e culturais e que esses conhecimentos são repassados por meio de uma transmissão oral, constituindo assim a riqueza das comunidades tradicionais, Schmidt (2001).

Para Allut (2001), é por meio desse manuseio e do ensino verbal dessas fontes naturais e culturais que se dá a construção dos saberes tradicionais. O autor reforça a importância desse conteúdo ser repassado de comunidade para comunidade para que a tradição e os conhecimentos não se percam, sobretudo para as gerações próximas.

Santos (2005; 2006) oferece uma perspectiva contemporânea que ecoa a ideia de Morin. Ele argumenta que os saberes tradicionais, originários das comunidades frequentemente denominadas "povos tradicionais", coexistem com o conhecimento acadêmico. No contexto desses grupos sociais, essas diferentes formas de saber podem tanto coincidir quanto divergir, ou ainda interinfluenciar-se em um processo contínuo de circularidade. Essa abordagem destaca a importância de reconhecer a legitimidade de múltiplas epistemologias e a riqueza que surge da interação entre elas.

Na concepção de Diegues e Arruda (2001), a caracterização dos saberes tradicionais se fortalece dentro das sociedades não urbanizadas e industrializadas, pois provém do mundo cultural, natural e sobrenatural e é repassado oralmente por meio das colaborações nos trabalhos, histórias, mutirões, canções e convivência intergeracional. Para os autores, são conhecimentos que atualmente estão ameaçados, levando em consideração o pensamento de diversos especialistas em etnociência, pois, o repasse desses saberes tradicionais possui uma dinâmica própria e enfrentam diversos impasses e desafios para se manter na sociedade atual.

A busca incessante pela compreensão do mundo – em suas dimensões físicas, sociais e espirituais – é uma característica que permeia a experiência humana. Essa curiosidade inerente é o que impulsiona a exploração e a incessante construção de significado. Conforme discute Levitin (2014), a forma como o cérebro humano organiza e busca padrões na realidade evidencia que a capacidade e a necessidade de conhecer são fundamentais para a nossa interação tanto com o ambiente quanto

com os demais indivíduos. Entendendo isso, Baptista (2010), reforça que é a partir dessas procuras que haverá a produção e o entendimento da cultura e dos saberes, mesmo que, para cada indivíduo a interpretação seja singular, porém é de fundamental importância para a construção de uma visão de mundo para esses povos tradicionais.

Nesse contexto, Southerland (2000) destaca que os saberes e conhecimentos tradicionais têm a representatividade de ser um dos métodos para o entendimento do mundo natural e sobrenatural, podendo ser o meio racional e explicativo para determinadas culturas como as das comunidades tradicionais.

Sob outro ponto de vista, Lenclud (1994) discorre sobre a diferenciação entre os saberes das sociedade atual, chamada de sociedade letrada, e os saberes das sociedades tradicionais, denominadas de sociedades orais, onde respectivamente, na primeira, o modo de transmissão utiliza a escrita, não tendo a possibilidade de perda ou distorções durante o tempo; a segunda enfrenta desafios para o aprendizado, pois, as interpretações através da oralidade para cada ouvinte é diferente, podendo grande parte desses conhecimentos correrem o risco de serem perdidos. Nesse sentido, é essencial que a transmissão desses saberes seja contextualizada conforme sua origem, evitando apropriações indevidas. (Ellen, 1997; Toledo, 2000).

Segundo Lévi-Strauss (1989), esses saberes tradicionais compõe uma “Ciência Concreta”, diferenciando da ciência ocidental moderna, mesmo que ainda encontrem igualdades no padrão conceitual e metodológico, o autor enfatiza essas divergências, onde a ciência moderna tem como objetivo a busca de afirmações definidas, com o intuito de satisfação de necessidades humanas. Já a ciência do concreto tem como ideologia a busca do conhecimento pelo fato de preservação e repasse de cultura, mas ambas se fundamentam em provações por meio de experiências, de forma empírica.

De acordo com Moran (1990) e Schmidt (2001), os estudos sobre os saberes tradicionais desencadeiam uma nova forma para as análises científicas, baseando-se primordialmente no conhecimento do ser humano sobre o ambiente natural e cultural, estudo esse denominado de etnociência, que, para Roué (2000) oferece uma visão interna dessas sociedades tradicionais, como se dá a associação do mundo natural e cultural.

Para Berkes (1999) interligar os saberes tradicionais com a produção desses conhecimentos faz-se necessário a partir do ponto de percepção entre a dependência de ambos, pois os mesmos dependem de recursos naturais para a sua realização final. Esta perspectiva foi identificada no início da década de 1990, quando as questões ambientais da contemporaneidade atuaram no estudo sobre essa relação, fazendo com que, segundo o autor, possibilitasse essa visão entre o empreendedorismo, na forma de produção, juntamente com os conhecimentos e práticas desses saberes tradicionais, afirmando assim a confluência da etnociência.

Segundo Posey (1987), para a conclusão de um estudo sobre o saber tradicional é preciso a interligação entre o natural e o social, pois só assim poderá ser compreendida a real essência desses conhecimentos. Portanto, para interpretar os saberes tradicionais e compreender a cultura e os valores, é preciso a utilização de uma metodologia investigativa das nomenclaturas distintas de cada um dos povos tradicionais, por ter a mudança de ensinamento em cada população.

3.2 Inovação social e empreendedorismo

Segundo Mulgan (2015) inovação social é uma área que, baseada em outras ramificações da inovação é relativamente nova, porém, seu interesse tem aumentado, sobretudo nas últimas duas décadas. Pode ser definida como uma nova forma de resolução de problemas sociais e surgiu com o objetivo de satisfazer essas necessidades no âmbito social. Segundo os estudos de Garvey (1966), o primeiro estudo sobre a inovação social é datado no ano de 1966, e apenas cinco anos após a primeira aparição, foi que o autor Broady, em 1971, fez uma publicação explorando mais o tema.

Para Dancin (2011) o principal objetivo das atividades de inovação social é a criação primordial de um valor social que é enraizado e perpassado de gerações, sugerindo também que os resultados financeiros que tem por finalidade a economia advinda dessas criações fazem parte dessas missões sociais. Dessa forma, o empreendedor social tem como foco o conhecimento dos resultados colhidos, sejam eles positivos ou negativos e é a partir destes esforços que utilizam a inovação social como um método de pesquisa.

Na concepção de Mair e Sharma (2012), para que a inovação social seja preservada é necessário a utilização de medidas de desempenho e a avaliação de impacto como tipos de ferramentas de apoio para essa inovação, pois, somente assim pode-se alcançar resultados financeiros sem denegrir a missão social.

Segundo André e Abreu (2006) a repercussão da inovação social é tida como uma mudança social qualitativa que tem manifestações diferentes em cada indivíduo. Para os autores, inovação social é comumente ligada ao âmbito de produtos, mas que é no meio dos processos que essa inovação tem maior influência para conseguir agregar mudanças sociais.

Os autores Dess e Anderson (2006) utilizam do termo inovação social como uma adequação do empreendedorismo social, pois, para os mesmos, a ideologia de ambos os termos estão ligados em um parecer econômico solidário, estabelecendo a produção, o consumo e a distribuição com base na valorização do ser humano e não apenas no capital, com características de cooperação e solidariedade.

É importante ressaltar que há uma diversidade de caracterizações sobre os estudos entre a inovação social e o empreendedorismo. Austin, Stevenson e Weiskilern (2006) defendem que ambos os termos enfatizam a importância do valor social, enquanto para os autores Dees (1998), Mair & Marti (2006), Dacin, Dacin e Tracey (2011), esse valor social só é tido por meio apenas da inovação social. Na percepção de Nicholls (2006) e Austin e Stevenson (2006) é mais aceitável a utilização do termo atividades inovadoras para o alcance desse valor social. Outros autores (Westley ;Andaze, 2010); Cunha; Benneworth, 2014) ressaltam o empreendedorismo como uma ferramenta desse valor social.

Neste cenário, a análise do empreendedorismo social em comunidades quilombolas surge como um assunto de grande relevância, tendo a visão de que essas comunidades se caracterizam também pela diversidade cultural e social, podendo assim inserir o empreendedorismo social e transforma-lo como catalisador do desenvolvimento local de forma sustentável, tendo a possibilidade de formação de negócios que valorizam a cultura, os saberes tradicionais e os recursos naturais conseguindo em paralelo a promoção da inclusão social e geração de renda.

3.3 Empreendedorismo social em comunidades quilombolas

A ideia de que o empreendedorismo constitui um processo dinâmico, focado na criação de valor e riqueza, é uma premissa fundamental na área. Esse processo é impulsionado por indivíduos que aceitam os riscos inerentes ao capital investido, ao tempo dedicado e ao comprometimento com suas carreiras empreendedoras. Spinelli Jr. (2024) destaca que os empreendedores atuam como catalisadores, são capazes de identificar oportunidades, reunir os recursos necessários e assumir os riscos intrínsecos à construção de novos negócios. Essa visão contemporânea enfatiza a iniciativa individual e a disposição para o risco como componentes essenciais na geração de valor tanto econômico quanto social. Enquanto o empreendedorismo tradicional otimiza processos e atende às demandas de mercado, o empreendedorismo social procura abordar causas profundas de problemas sociais, muitas vezes, propondo soluções inovadoras e sistêmicas.

De acordo com Dees (2001) e Parente et al. (2011), é possível que o surgimento do empreendedorismo social seja atribuído às falhas do governo e das organizações que não conseguiram resolver questões sociais como desemprego, pobreza, preconceito, violência e criminalidade, entre outros. Por causa disso, o surgimento dos empreendedores sociais tornou-se crucial, pois fornecem modelos organizacionais mais contemporâneos capazes de abordar esses problemas.

Cornélio *et al.* (2020) destacam que o empreendedorismo social pode ser compreendido como uma estrutura que conecta as necessidades individuais aos recursos existentes, sendo o objetivo principal dessa integração promover o desenvolvimento econômico sustentável das nações, funcionando como um sistema coeso e interligado.

Para Ellmmeier (2003), Davel e Cora (2014), na sociedade capitalista atual há uma resistência no que tange à valorização do empreendedorismo social, onde há uma mudança de foco na economia, que passa a não ser apenas para o consumo orientado e sim dando maior importância aos bens simbólicos e culturais, bem como a utilização dos produtos e serviços naturais e imateriais.

De acordo com Nassif (2013), essa forma de produção que é voltada ao âmbito social ganhou reconhecimento como uma atividade econômica e rentável recente. Para Brant (2010), esse tipo de empreendedorismo até o início do século XX era

denominado apenas como um patrimônio simbólico que foi repassado durante o tempo como uma espécie de ensinamentos por convivência, firmados dentro das comunidades tradicionais. Todavia, no atual contexto, o reconhecimento dessa prática empreendedora é visto como um estudo mais amplo, posto a uma atividade voltada à sociabilidade, com a utilização de ensinamentos e apoio de tecnologias.

O empreendedorismo social nas comunidades quilombolas é uma questão temática que perdura em diversas áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais. Na concepção de Machado et al. (2013), compreender essa forma de empreendedorismo por meio da junção cultura e meio social, é um método de estreitar os laços com as Ciências Humanas e desmistificar a ideia do empreendedorismo aliado apenas a negócios empresariais.

Conforme Banks et al. (2000) e Paiva Junior et al. (2013), o empreendedorismo social nas comunidades tradicionais é uma forma também de identificação para essa sociedade, pois, estrutura-se na produção de bens e serviços buscando transmitir os valores simbólicos e culturais desses povos e agregando um novo significado ao empreendedor. Este passa a atuar como agente que irá repassar os significados da determinada produção, seja o produto ou o serviço, por meio de imagens, símbolos, sinais e sons.

Nesta linha de pensamento, Johnson (2004) ressalta que o empreendedor social nas comunidades quilombolas será o intermediário entre a fabricação e o consumidor final, com foco na contribuição nos ensinamentos dos aspectos relacionados não só pela parte lucrativa, mas também com o intuito de contribuir para sua estrutura social.

Os empreendedores sociais, de acordo com Guerra et al. (2015), têm a capacidade de reconhecer oportunidades de fabricação, e, dentro dessa ação, a capacidade do repasse dos saberes tradicionais. Para os autores, mesmo considerando que na atualidade muitas ações são influenciadas pela globalização e correm o risco de perder seus valores culturais, o empreendedorismo dentro dessas comunidades resiste juntamente com as suas lutas.

Assim como em toda atividade, os desafios que envolvem as ações do empreendedorismo social e que estão ligados a uma comunidade tradicional, envolve muitos tipos de interpretações entre o papel do empreendedor e o papel do artista. A

ação no empreendedorismo cultural é complexa e repleta de desafios. Nela, as fronteiras entre os papéis de empreendedor e artista se tornam tênues, exigindo que o indivíduo – frequentemente o próprio artista criador – desenvolva novas competências, para ter sucesso no mercado cultural, ele precisa aprimorar habilidades relacionais e de gestão (De Bruin, 2005; Davel; Cora, 2014).

Com isso, o empreendedorismo social é visto como uma ferramenta poderosa para valorizar e preservar o conhecimento tradicional, contribuindo para o desenvolvimento comunitário sustentável e para uma sociedade mais justa e equitativa. Neste sentido, promover o diálogo entre conhecimentos ancestrais e inovações contemporâneas abre novas oportunidades de geração de renda, inclusão social e fortalecimento da identidade cultural.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS

4.1. Caracterização da área de estudo

A comunidade quilombola Custaneira está localizada no território do semiárido nordestino, dentro das fronteiras do município de Paquetá-PI, reconhecida pela Fundação Cultural Palmares através da Portaria nº 98 de 26 de novembro de 2007, organização que reconhece comunidades tradicionais (Brasil, 2007). A preservação das raízes afrodescendentes desta comunidade traz destaque para o modo de vida tradicional.

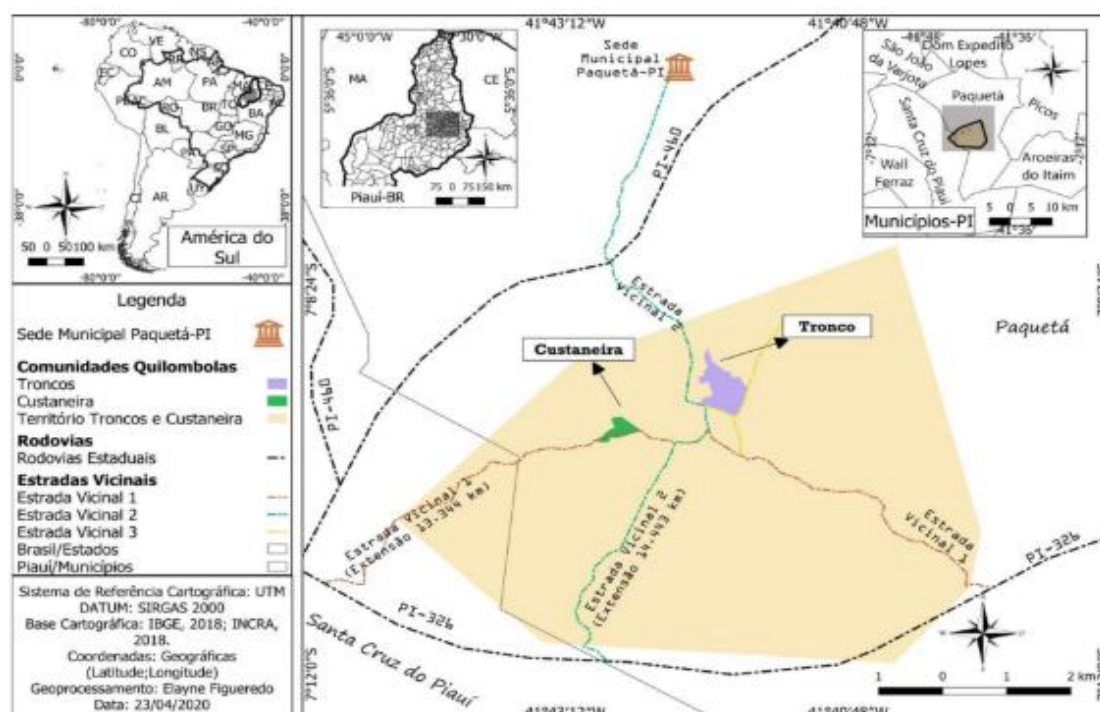


Figura 1: Mapa de localização da comunidade Custaneira

Fonte: IBGE (2018), adaptado por Figueredo, E. S. em 2020

Conforme apontado por Aragão (2014), a subsistência dos moradores da Custaneira baseia-se primordialmente na agricultura familiar, complementada pela produção de artesanatos e pela criação de animais. A religiosidade ocupa uma posição central na vida dessa comunidade, evidenciada pela forte adesão à Umbanda, uma religião de matriz africana. Apesar de sua vinculação administrativa ao município de Paquetá do Piauí, a influência da comunidade Custaneira ultrapassa as fronteiras municipais, exercendo impactos significativos em localidades vizinhas, como Santa Cruz do Piauí e Oeiras.



Figura 2 - Núcleo residencial da comunidade Custaneira
Fonte: Macêdo, 2020.

No último levantamento realizado por Souza (2015) eram 167 habitantes, distribuídos em aproximadamente 48 famílias, todavia, essa população oscila em função do deslocamento dos seus membros para realização de trabalhos temporários que duram de 3 meses a alguns anos em outras cidades do país. A forma de organização social e econômica, aliada à riqueza cultural e religiosa, confere à Custaneira particularidades que a tornam um campo relevante para estudos acadêmicos.

4.2 Coleta e análise dos dados

A presente pesquisa, de natureza básica, descritiva, adotou uma abordagem qualitativa para o levantamento de dados. O estudo concentrou-se na comunidade Quilombola Custaneira, localizada no estado do Piauí. A coleta de dados primários foi realizada por meio de entrevista semiestruturada em profundidade com o Mestre Naldo, reconhecido como o líder e principal organizador da comunidade. A escolha do Mestre Naldo como informante chave justifica-se por sua posição central na estrutura social e organizacional do quilombo, conferindo-lhe um conhecimento aprofundado

sobre os aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos da comunidade. A entrevista buscou apreender a perspectiva do Mestre Naldo sobre as dinâmicas internas e externas que perpassam o empreendedorismo social na comunidade Custaneira.

Este estudo caracteriza-se de abordagem qualitativa. Quanto aos objetivos, é uma pesquisa descritiva exploratória. Conforme Gil (1991, p. 45), as pesquisas exploratórias "têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema". O autor complementa que esse tipo de pesquisa visa torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses para investigações futuras. Em complemento, Gil (2019, p.41) define a pesquisa exploratória como aquela que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, ele afirma que se trata de estudos que buscam "desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis".

É válido ressaltar que a pesquisa exploratória raramente é um fim em si mesma, geralmente, serve como um primeiro passo para estudos mais rigorosos, ajudando a identificar tendências, relações potenciais entre variáveis e a formular perguntas mais precisas. Como afirma Oliveira (2018), "muitas vezes, esse tipo de estudo se constitui em um primeiro passo para a realização de uma pesquisa mais aprofundada."

Gil (2010) destaca que as pesquisas descritivas objetivam descrever características de determinadas populações, estudar as características de um grupo (idade, sexo, escolaridade), o nível de atendimento de órgãos públicos ou mesmo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. Para Marconi e Lakatos (2007, p. 189), a pesquisa descritiva "consiste em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave."

Para atingir os objetivos da pesquisa inicialmente, utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica (Gil, 1999), por meio do acesso e análise de documentos oficiais, artigos científicos, livros e outras fontes relevantes, com o objetivo de contextualizar e fundamentar teoricamente o estudo.

Em um segundo momento, procedeu-se à pesquisa de campo, utilizando a entrevista em profundidade com o líder quilombola, realizada no dia 26 de abril de 2025 na sede da comunidade. Utilizou-se um roteiro semiestruturado, elaborado pelo pesquisador e composto por três blocos de questões (Bloco A, Bloco B e Bloco C, conforme Apêndice A), cujo objetivo foi levantar dados sociodemográficos, culturais e financeiros da comunidade.

Foi empregada também técnica da observação participante e apoio das ferramentas diárias de campo e gravador de voz para registrar e relatar as atividades desenvolvidas na comunidade, permitindo uma imersão e compreensão das dinâmicas locais.

Previamente à realização da pesquisa, foi conduzida uma reunião com a liderança e a população quilombola da comunidade Custaneira para apresentação e discussão detalhada do projeto. Após a aceitação, formalizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o que garantiu a autonomia e o respeito aos participantes, procedeu-se à coleta de dados.

Para a análise dos dados, empregou-se a metodologia da análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1977). Este método sistemático permitiu desvendar os significados presentes nas comunicações, transformando dados brutos em informações relevantes e interpretáveis, a análise de conteúdo do autor organiza-se em três fases principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Na fase de pré-análise, realizou-se a organização do material coletado, por meio da transcrição da entrevista, seguida de uma leitura flutuante para uma primeira imersão no conteúdo. Posteriormente, na exploração do material, procedeu-se à classificação e categorização das informações, identificando temas e unidades de sentido, por fim, o tratamento dos resultados envolveu a inferência e a interpretação, buscando compreender, através do conteúdo exposto, o pensamento e as percepções dos sujeitos da pesquisa (Bardin, 1977). Essa abordagem permitiu uma compreensão aprofundada das práticas de empreendedorismo social e da influência dos saberes tradicionais na comunidade Custaneira.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção detalha os resultados obtidos a partir da entrevista com o líder quilombola da comunidade Custaneira, Arnaldo de Lima, conhecido como Mestre Naldo, interpretando suas falas à luz dos objetivos específicos da pesquisa: identificar as práticas de empreendedorismo social, descrever a influência dos saberes tradicionais e relacionar esses saberes às práticas de empreendedorismo social locais, as discussões são enriquecidas com citações de autores para aprofundar a análise.

5.1 Identificação das práticas de Empreendedorismo Social

Ao ser questionado sobre iniciativas que geram benefícios para a comunidade, Mestre Naldo imediatamente trouxe à tona exemplos concretos que, embora nem sempre rotulados formalmente como "empreendedorismo social", desempenham tal papel de maneira orgânica e intrínseca à sua organização social.

Ah, aqui a gente faz muita coisa que ajuda todo mundo, tem a nossa associação, que é como se fosse a nossa força motora, a gente se junta pra fazer a roça comunitária, por exemplo, cada um ajuda um pouco, e a colheita é pra todos, pra quem precisa, para vender um pouco e ajudar nas despesas da comunidade. Também tem o artesanato das mulheres, elas fazem cestos, panelas de barro, e vendem na feira, nos eventos que existem na comunidade. O dinheiro que entra ajuda as famílias e, um pedaço, a gente guarda pra coisas da comunidade, tipo comprar remédio ou ajudar numa reforma (Líder quilombola, 2025)

Essas iniciativas descritas pelo líder refletem a essência do empreendedorismo social, que busca soluções inovadoras para problemas sociais, ambientais e econômicos, gerando valor tanto para a comunidade quanto para os empreendedores. O empreendedor social é frequentemente visto como um agente de transformação na sociedade, ele se distingue por sua capacidade de identificar oportunidades e soluções em cenários onde outros percebem apenas problemas complexos. Esse indivíduo, então, mobiliza os recursos necessários para enfrentar desafios sociais de maneiras inovadoras. Essa perspectiva, que ecoa as contribuições pioneiras de Dees

(1998), é reforçada por autores contemporâneos como Martin e Osberg (2015), que, em suas análises sobre empreendedorismo social, sublinham a importância de buscar soluções escaláveis e sustentáveis para questões sociais urgentes, transformando o *status quo* por meio da ação empreendedora. A roça comunitária e o artesanato são exemplos claros de como a comunidade Custaneira organiza suas atividades produtivas com um forte componente social e coletivo, visando o bem-estar mútuo, os desafios que motivaram essas iniciativas são primordialmente a autonomia e a subsistência.

Em seguida, foi questionado sobre os desafios e as necessidades que impulsionaram o surgimento de práticas empreendedoras sociais na Custaneira.

L.Q.: A gente sempre precisou se virar, não tem governo que chegue aqui fácil, então a gente tem que criar nossas próprias saídas, a escassez de apoio, de recursos, e a necessidade de manter nossas famílias e nossa cultura forte, tudo isso nos empurra para inventar essas coisas (Líder quilombola, 2025).

Essa fala corrobora a visão de Mair e Martí (2006, p. 764), que destacam como o empreendedorismo social muitas vezes surge da "necessidade de resolver problemas sociais ou ambientais urgentes, especialmente em contextos onde as instituições tradicionais falham ou são ausentes". Essa afirmação ressoa profundamente ao analisarmos os problemas sociais mais recorrentes em comunidades tradicionais e quilombolas.

Na comunidade Custaneira, por exemplo, existe energia elétrica e água encanada, um avanço importante, contudo, em situações de falta de água, os moradores ainda recorrem aos olhos d'água, uma prática que remete aos saberes ancestrais de manejo hídrico. Felizmente, essa situação é rara, pois as casas são equipadas com caixas d'água e cisternas, evidenciando a busca por autonomia e resiliência hídrica.

A educação de qualidade continua sendo um desafio, com as crianças e adolescentes da comunidade estudando nas cidades vizinhas de Picos-PI, Santa Cruz do Piauí-PI ou Paquetá do Piauí-PI, demonstrando a necessidade de deslocamento para acesso a esse serviço essencial, da mesma forma, as idas aos médicos também exigem o deslocamento para essas cidades. Um aspecto desfavorável que também

merece destaque é a carência de saneamento básico, fator que afeta diretamente a saúde pública e a qualidade de vida dos residentes.

Essas questões — a necessidade de complementar o abastecimento de água, a dependência de cidades vizinhas para educação e saúde, e a lacuna no saneamento — são exemplos concretos da deficiência na prestação de serviços básicos (Calheiros; Stadtler, 2010), mesmo em comunidades que já possuem algumas infraestruturas. A escassez de apoio e recursos (Aguiar, 2010) e a urgência em manter as famílias e a cultura fortes impulsionam a comunidade a criar suas próprias soluções, evidenciando que empreendedorismo social surge, portanto, como uma resposta inovadora à urgência de enfrentar esses desafios sociais e ambientais complexos e duradouros.

É nesse cenário de múltiplas vulnerabilidades que as comunidades tradicionais, como a Custaneira, desenvolvem o empreendedorismo social, que surge não como uma escolha, mas uma estratégia de sobrevivência e empoderamento, quando os próprios membros buscam soluções criativas e coletivas para os problemas que vivenciam, sem esperar por auxílio externo.

Na sequência, foi perguntado de que maneira a própria organização social da comunidade Custaneira facilita ou dificulta o desenvolvimento dessas iniciativas empreendedoras.

L.Q.: Nossa união é a nossa maior força, se um precisa, o outro ajuda, na roça, todo mundo trabalha junto, um cuidando do outro, isso facilita muito. Mas, às vezes, as decisões são mais lentas, porque todo mundo tem que concordar, e nem sempre é fácil, cada um tem uma ideia (Líder quilombola, 2025).

A forte coesão social e a cultura colaborativa são motores essenciais para o sucesso dessas iniciativas, como observado por Drayton (2002), que enfatiza a importância das redes sociais e da capacidade de mobilização para o empreendedor social, no entanto, a tomada de decisão coletiva, embora democrática, pode gerar morosidade, um desafio comum em organizações baseadas em consensos.

Nesse cenário, o papel do Mestre Naldo como líder se destaca como um impulsionador crucial nos processos decisórios, embora a comunidade valorize o consenso e a participação de todos. Mestre Naldo, com sua experiência e respeito conquistado, atua como um facilitador e consegue articular as diversas vozes, mediar

opiniões e, quando necessário, direcionar o grupo para uma decisão, sem impor sua vontade, mas utilizando sua influência para agilizar o processo. Sua capacidade de mobilizar as pessoas, de inspirar confiança e de manter o foco nos objetivos comuns é vital para transformar a coesão social em ações concretas e eficientes. Mestre Naldo não apenas participa das discussões, mas as conduz, garantindo que o espírito colaborativo se traduza não em paralisação, mas em progresso.

Para compreender as transformações geradas pelas ações empreendedoras na comunidade, foi perguntado ao líder como o mesmo avalia o impacto dessas iniciativas na qualidade de vida, na cultura e no meio ambiente da comunidade e se existem indicadores ou sinais que demonstram esse impacto, mesmo que não sejam formais.

O impacto a gente vê no dia a dia, as crianças têm mais o que comer, as famílias têm um dinheirinho para comprar o que precisam, nossas festas são mais animadas porque tem mais recursos, e a gente cuida da terra com mais carinho, porque é dela que vem o nosso sustento. Não tem um número, mas a gente sente que a vida da comunidade melhora (Líder quilombola, 2025).

A percepção do impacto, ainda que não mensurada por indicadores formais, revela efeitos tangíveis e qualitativos observáveis no cotidiano. A melhoria na qualidade de vida é evidenciada pela maior disponibilidade de alimentos para as crianças, bem como pela geração de renda, que possibilita às famílias a aquisição de bens essenciais. No âmbito cultural, os efeitos se manifestam no fortalecimento das celebrações e festas, que se tornam mais vibrantes com a disponibilização de recursos. Quanto ao meio ambiente, a comunidade demonstra uma relação de cuidado e respeito com a terra, reconhecendo-a como fonte de sustento.

Para Peredo e McLean (2006), a avaliação do impacto social em comunidades muitas vezes se baseia precisamente em mudanças qualitativas percebidas pelos membros, que incluem o fortalecimento dos laços sociais, a melhoria do bem-estar geral e a sustentabilidade cultural e ambiental. Assim, a ausência de indicadores formais não diminui a importância ou a validade do impacto percebido, mas, ao contrário, sublinha a necessidade de abordagens de avaliação que sejam sensíveis às particularidades e à cosmovisão dessas comunidades.

Além das iniciativas formalmente reconhecidas, outras atividades desempenham um papel semelhante ao empreendedorismo social, evidenciando ações de economia solidária, conforme relata Mestra Naldo:

O nosso mutirão para construir uma casa, o grupo das rezadeiras que cuidam dos doentes, a forma como a gente divide a colheita depois do plantio, isso tudo não é 'empreendedorismo', mas é como a gente se ajuda, se organiza para viver bem (Líder quilombola, 2025).

Essas iniciativas de base comunitária demonstram como a colaboração e a reciprocidade estão presentes, mesmo sem a formalidade de um modelo de negócio. A economia solidária é compreendida como um modelo de organização que se fundamenta na cooperação e na solidariedade, buscando prioritariamente a satisfação das necessidades humanas e a valorização do trabalho (Singer, 2002)

Ambos os conceitos compartilham um núcleo comum: a busca por soluções para problemas sociais e ambientais, com um propósito que valoriza o impacto social positivo, a geração de benefícios coletivos, e transcende o lucro, no entanto, a economia solidária se diferencia ao direcionar seu foco para transformar as relações de produção, consumo e distribuição a partir de princípios de autogestão e equidade. Assim, engloba diversas iniciativas, desde cooperativas e associações até redes de trocas, onde a lógica de mercado é redefinida para priorizar a reprodução da vida e do trabalho em bases mais justas, com ênfase na organização coletiva e horizontal, visando a emancipação dos trabalhadores e a democratização da economia (Singer, 2002).

O empreendedorismo social, embora viabilize o impacto social e possa operar com princípios de solidariedade, muitas vezes se concentra na inovação de modelos de negócios para solucionar um problema social específico, ele pode incorporar ferramentas de gestão do setor privado (como a criação de um produto ou serviço para um "mercado social"), e nem sempre a estrutura organizacional é necessariamente coletiva ou autogerida, embora seja comum que haja um forte engajamento da comunidade, o empreendedor social é frequentemente associado a um agente de mudança que busca replicar ou escalar soluções inovadoras para gerar impactos em maior escala (Dees, 1998; Peredo; McLean, 2006).

Ao se organizar para a subsistência e a valorização de sua cultura, a comunidade Custaneira demonstra sua capacidade de operar em uma dimensão que integra as fortalezas de ambos os modelos, priorizando sempre a coletividade e a sustentabilidade de suas práticas.

5.2 Influência dos saberes tradicionais na dinâmica social quilombola

Os saberes tradicionais na comunidade Custaneira são elementos vivos que moldam a vida cotidiana, as decisões e as relações, sendo transmitidos e adaptados ao longo do tempo. Para aprofundar essa compreensão foi questionado quais conhecimentos, práticas ou valores são considerados saberes tradicionais na vida cotidiana da comunidade Custaneira.

Aqui, a gente tem os saberes do tempo, de quando plantar e colher, de qual lua é boa para isso acontecer, a gente sabe qual erva serve para cada doença, como construir uma casa com a madeira da mata sem estragar tudo, são os ensinamentos dos nossos avós, que a gente aprendeu desde criança (Líder quilombola, 2025).

Esses saberes são conhecimentos empíricos e práticos, desenvolvidos ao longo de gerações em estreita relação com o ambiente natural e a cultura local. Os saberes tradicionais são compreendidos por Diegues (2000) como o conjunto de conhecimentos que as comunidades tradicionais detêm, transmitidos de uma geração para a outra por intermédio da oralidade, da prática e da observação. O líder enfatiza a importância de conhecimentos como o calendário agrícola e lunar, o uso de ervas medicinais e técnicas de construção sustentáveis.

Uma vez que a transmissão desses saberes ocorre de forma intergeracional e prática, foi perguntando de que maneira os saberes tradicionais são transmitidos entre as gerações na comunidade e quais são os principais espaços ou momentos de aprendizado percebidos nessa dinâmica

A gente aprende no dia a dia, o pai ensina o filho a pescar, a mãe ensina a filha a fazer o artesanato, a cozinhar e a plantar também, aqui na Custaneira todos fazem de tudo um pouco. Na

roda de conversa, os mais velhos contam as histórias, ensinam as rezas, os cuidados com a terra, é vivendo junto que a gente aprende (Líder quilombola, 2025).

Este processo de transmissão reflete o que Candau (2001) descreve como a pedagogia da oralidade e da experiência, onde o aprendizado não é formalizado em instituições, mas sim intrínseco às atividades cotidianas e às relações sociais. Essa maneira de transmitir o saber é crucial para o empreendedorismo social em comunidades tradicionais.

Como argumenta Borges (2009), o conhecimento tácito, ou seja, aquele que é incorporado através da experiência e da prática, e que é característico dos saberes tradicionais, é um recurso inestimável para a inovação e criação de valor social.

No contexto da Comunidade Custaneira, a transmissão de técnicas de plantio sustentável, de práticas de manejo dos recursos naturais e de métodos de produção artesanal, por exemplo, ocorre por meio dessa pedagogia, garantindo que as iniciativas de empreendedorismo social, como a roça comunitária ou o artesanato, sejam continuamente alimentadas por um repertório de saberes culturalmente relevantes e ecologicamente adaptados, conferindo-lhes autenticidade e resiliência frente aos desafios.

Os saberes tradicionais podem exercer influência em maior ou menor intensidade nas decisões e relações internas da comunidade. Diante disso, buscou-se entender como esses conhecimentos e valores moldam e influenciam as decisões e as relações dentro da comunidade.

Quando a gente vai decidir alguma coisa importante, a gente sempre pensa no que os antigos faziam, se é pra derrubar uma árvore, a gente pensa no que os mais velhos ensinaram sobre respeitar a mata, se é pra resolver um problema entre vizinhos, a gente usa a conversa, a sabedoria de não brigar, de buscar a paz, que é o que sempre foi ensinado (Líder quilombola, 2025).

Essa influência demonstra a dimensão ética e moral dos saberes tradicionais, que não são apenas conhecimentos práticos, mas também um conjunto de valores que orientam o comportamento e as relações interpessoais. Os saberes tradicionais vão além do conhecimento técnico, abrangendo também aspectos éticos, morais e

espirituais, servindo como um guia essencial para a vida em comunidade (Carvalho, 2004).

A relação com a natureza e o território é um pilar fundamental dos saberes tradicionais. Nesse sentido foi questionado como a relação com a natureza e o território se manifesta nos saberes tradicionais da comunidade Custaneira.

Pra gente, a natureza não é só pra tirar, é a nossa mãe, a gente sabe onde tem água limpa, onde a terra é boa pra plantar, a gente não maltrata a natureza porque sabe que ela nos dá tudo, nossos rituais, nossas rezas, tudo tem a ver com a força da natureza (Líder quilombola, 2025).

Essa perspectiva revela uma cosmovisão holística, onde o ser humano não está separado da natureza, mas inserido nela em uma relação de interdependência e respeito. Porto-Gonçalves (2004) discute como os povos tradicionais estabelecem uma relação intrínseca com seus territórios, não apenas como um espaço físico, mas como um lócus de identidade, memória e produção de vida.

Os saberes tradicionais incorporam um profundo conhecimento prático sobre o território – como identificar fontes de água potável e terras férteis para o plantio –, mas vão além, ditando uma conduta de não agressão e manejo sustentável do meio ambiente. O território pode ser compreendido como um "espaço vivido", imbuído de significados tanto simbólicos quanto práticos, que influenciam e moldam sua própria existência (Haesbaert, 1999). A interdependência é tão intrínseca que os "rituais" e "rezas" estão diretamente conectados à "força da natureza", demonstrando a dimensão espiritual que permeia essa relação (Porto-Gonçalves, 2004).

Essa profunda conexão entre ser humano, natureza e território é também destacada por autores que exploram o conceito de "bem viver" ou "viver bem", proveniente das cosmovisões andinas e amazônicas (Acosta, 2016). Essa perspectiva, que se assemelha à expressa pelo líder quilombola, defende uma harmonia com a natureza e um equilíbrio entre as dimensões material e espiritual da vida, rejeitando a lógica do desenvolvimento predatório.

Para Capra (1996), essa visão sistêmica e ecológica é essencial para a sustentabilidade, pois reconhece a interconexão e harmonia de todos os elementos. Nesta perspectiva, as práticas sociais e produtivas da comunidade Custaneira estão,

portanto, diretamente ligadas à sua capacidade de manter e reproduzir essa relação reverente e sustentável com a natureza e o território, que se traduz em práticas de subsistência resilientes e culturalmente autênticas.

Os saberes tradicionais também demonstram capacidade de adaptação diante de novas influências. Para entender como os saberes ancestrais da comunidade Custaneira se mantêm vivos e relevantes, mesmo diante de novas referências e desafios externos, foi questionado sobre sua capacidade de adaptação.

A gente não vive isolado, chegam coisas novas, ideias novas, mas a gente pega o que é bom e adapta ao nosso jeito, se vem uma ferramenta nova, a gente usa, mas sempre pensando em como não estragar a terra, como não esquecer o nosso jeito de fazer, é um jeito de seguir em frente sem perder a nossa raiz (Líder quilombola, 2025).

Essa capacidade de adaptação, sem a perda da identidade, é essencial para a resiliência das comunidades tradicionais, pois permite que elas dialoguem com o mundo exterior sem se descaracterizar, em um cenário de constante mudança e pressões externas. A capacidade de absorver novos conhecimentos e tecnologias, à medida que se mantêm os valores, as práticas e a cosmovisão ancestral, garante também a continuidade cultural e a autonomia do grupo.

Esse processo é fundamental porque a identidade cultural está intrinsecamente ligada aos seus saberes tradicionais, às suas formas de organização social e à sua relação com o território. Se a identidade é diluída, a base sobre a qual essas comunidades constroem sua subsistência e seu bem-estar coletivo também se compromete.

Para Little (2002), os saberes tradicionais não são estáticos, mas dinâmicos e adaptativos, capazes de incorporar elementos externos que sejam úteis. Contanto que esses novos elementos se alinhem aos seus princípios e valores centrais, essa resiliência cultural se manifesta na habilidade de inovar e de encontrar soluções para desafios contemporâneos (sejam ambientais, econômicos ou sociais) sem renunciar ao que as torna únicas.

5.3. Relação entre saberes tradicionais e Empreendedorismo Social

A intersecção entre os saberes tradicionais e o empreendedorismo social na comunidade Custaneira é evidente, mostrando como a cultura e as práticas ancestrais podem nutrir e fortalecer as iniciativas de desenvolvimento local. Para explorar essa conexão, foi perguntado se o líder percebe e como ocorre a influência dos saberes tradicionais nas práticas empreendedoras sociais.

Claro que tem influência! A roça comunitária, por exemplo, é puro saber tradicional, a gente aprendeu com nossos avós a plantar junto, a dividir, o artesanato das mulheres, então, é a história delas nas mãos, os desenhos, as técnicas, tudo vem de muito tempo, não tem como separar (Líder quilombola, 2025).

A resposta do líder quilombola destaca a influência direta e intrínseca dos saberes tradicionais na concepção e execução das práticas de empreendedorismo social, uma vez que, nesse contexto, tais iniciativas não são imposição externa, mas uma extensão das práticas colaborativas e de subsistência historicamente construídas pela comunidade. A este respeito, Borzaga e Defourny (2001) apontam que a sustentabilidade do empreendedorismo social em comunidades tradicionais muitas vezes reside na sua capacidade de integrar e valorizar os conhecimentos e práticas locais.

Os saberes tradicionais, com seus valores e princípios inerentes, são fundamentais para orientar as práticas colaborativas e a tomada de decisões, desse modo, a cultura quilombola exerce uma forte influência sobre as iniciativas empreendedoras, direcionando as escolhas coletivas. Para aprofundar essa questão foi indagado sobre a maneira que os valores e princípios presentes nos saberes tradicionais orientam o comportamento colaborativo e a tomada de decisão nessas iniciativas.

A gente decide junto, sempre tem um momento pra ouvir todo mundo, principalmente os mais velhos, a gente aprendeu que a união faz a força, que o respeito é fundamental. Isso vem dos nossos saberes, de como a gente sempre viveu em comunidade (Líder quilombola, 2025).

A ética da colaboração e a valorização do consenso são reflexos diretos dos princípios presentes nos saberes tradicionais, que priorizam o bem-estar coletivo sobre o individual. Essa orientação para a coletividade se manifesta em uma robusta rede de solidariedade e colaboração mútua que permeia todas as esferas da vida na comunidade Custaneira, tornando-se um motor essencial para o empreendedorismo social local.

Essa rede de reciprocidade não é uma construção recente; é resultado de um longo processo histórico de sobrevivência e resistência, onde a união e a cooperação foram e continuam sendo estratégias fundamentais. A prática do mutirão, por exemplo, exemplifica essa solidariedade em ação, seja na construção de uma casa, no preparo da terra para o plantio ou na colheita. A mobilização coletiva reflete uma compreensão intrínseca de que o esforço conjunto gera benefícios que se revertem para todos, esse senso de comunidade e responsabilidade compartilhada minimiza riscos individuais e maximiza os resultados coletivos.

No contexto do empreendedorismo social, essa rede de colaboração é um ativo inestimável, uma vez que garante não apenas a disponibilidade de mão de obra e a partilha de conhecimentos (como as técnicas de plantio ou artesanato), mas também a legitimidade e a adesão às iniciativas. As empresas sociais da Custaneira, como a roça comunitária ou o artesanato, florescem porque são construídas sobre essa base de confiança e reciprocidade. Diferentemente de modelos de negócios puramente individuais, onde a competição prevalece, as ações empreendedoras na Custaneira são impulsionadas por um capital social que reduz custos de transação, facilita a mobilização de recursos e promove a sustentabilidade a longo prazo.

Essa valorização da coletividade e da solidariedade também se traduz na tomada de decisão por consenso, onde a voz de cada membro, especialmente dos mais velhos, é considerada. Embora possa tornar os processos mais lentos, essa abordagem fortalece os laços sociais, assegura que as iniciativas estejam alinhadas com as necessidades e valores da comunidade e evita conflitos que poderiam desmobilizar os empreendimentos. Assim, a rede de solidariedade e colaboração mútua, nutrida pelos saberes tradicionais, é o tecido social que confere resiliência e autenticidade ao empreendedorismo social na comunidade Custaneira.

Conforme Becker (2007), a cultura de cooperação e a solidariedade são elementos cruciais para a vitalidade das iniciativas de empreendedorismo social, especialmente em comunidades que historicamente dependem da ajuda mútua para a sobrevivência.

Os saberes tradicionais, com sua vasta gama de conhecimentos acumulados ao longo de gerações, oferecem soluções específicas e contextualizadas para os desafios enfrentados pela comunidade Custaneira. Para ampliar esse entendimento, foi questionado se os saberes tradicionais oferecem soluções específicas para os desafios enfrentados pelas iniciativas de empreendedorismo social na comunidade e quais seriam essas alternativas.

Se a terra tá fraca, a gente sabe qual planta usar pra recuperar, sem precisar de veneno, isso a gente aprendeu com o tempo, com a experiência dos nossos avós, se falta água, a gente sabe o melhor jeito de armazenar, de aproveitar a chuva, são soluções que vêm da nossa sabedoria (Líder quilombola, 2025).

A fala do líder destaca a aplicação direta dos saberes tradicionais na resolução de problemas práticos, evidenciando uma profunda inteligência ecológica e um manejo sustentável dos recursos. O conhecimento sobre a recuperação do solo utilizando plantas específicas, sem o recurso a agrotóxicos ("sem precisar de veneno"), demonstra uma abordagem alinhada com princípios de agroecologia e respeito ao meio ambiente. Essa prática não só garante a fertilidade da terra de forma sustentável, como também promove a saúde da comunidade e a conservação do ecossistema local.

Similarmente, a capacidade de identificar "o melhor jeito de armazenar, de aproveitar a chuva" em um território semiárido como o Piauí revela um conhecimento ancestral fundamental para a segurança hídrica. Essas soluções, que se desenvolveram ao longo do tempo e com a sabedoria das gerações anteriores, se mostram eficazes porque decorrem da adequação ao contexto local, resultado de uma interação profunda e duradoura com o ambiente da comunidade.

Durante a observação das práticas cotidianas dos moradores da Custaneira, foi possível constatar a aplicação prática desses conhecimentos, por exemplo, o uso de técnicas de cultivo que respeitam os ciclos da natureza e a diversidade de plantas

nativas em substituição a monoculturas que esgotam o solo. A organização dos sistemas de captação e reuso da água da chuva, com pequenas barragens e cisternas construídas com materiais locais, também reforça a ideia de que a comunidade desenvolve soluções eficazes e de baixo impacto, diretamente inspiradas nos saberes transmitidos.

A forma como os resíduos orgânicos são compostados e retornam ao solo para enriquecê-lo, ou como as famílias compartilham sementes crioulas, são exemplos claros de um cotidiano onde a sustentabilidade não é um conceito abstrato, mas uma prática diária e essencial para a vida na comunidade. Capra (1996) argumenta que a compreensão das redes de vida e dos padrões ecológicos, característica das cosmovisões tradicionais, é essencial para desenvolver soluções verdadeiramente sustentáveis e harmoniosas com o ambiente. Assim, os saberes da comunidade Custaneira servem como um banco de dados vivo de estratégias eficazes para enfrentar os desafios ambientais e garantir a viabilidade de suas práticas produtivas e empreendedoras.

Os saberes tradicionais enriquecem e singularizam as iniciativas de empreendedorismo social da comunidade. Sob essa ótica, investigou-se de que maneira a valorização desses conhecimentos pode potencializar ou distinguir as ações empreendedoras da comunidade Custaneira em comparação a outras propostas.

Quando a gente faz um artesanato que tem a nossa história, a nossa tradição, as pessoas valorizam mais, é diferente de fazer uma coisa qualquer, nossas rezas, nossos cantos nas festas, tudo isso atrai as pessoas, faz com que elas vejam que a gente tem algo único, isso fortalece o que a gente faz pra ganhar a vida também (Líder quilombola, 2025).



Figuras 1 e 2 - Produtos artesanais (cestarias em palha) confeccionados na comunidade Custaneira
 Fonte: Macêdo, 2020.



Figura 3 - Produtos artesanais da comunidade Custaneira (banhos, lambedores, xaropes, farinha de gergelim)
 Fonte: Macêdo, 2020.



Figura 4 - Dona Rita, matriarca da comunidade Custaneira, vendendo produtos artesanais da medicina tradicional

Fonte: Carneiro, 2025.

Além do aspecto material, a manifestação dos saberes em "rezas" e "cantos nas festas" atrai e engaja pessoas, fortalecendo a visibilidade e o reconhecimento da cultura quilombola, esse fortalecimento cultural, por sua vez, reflete-se no empreendedorismo social, pois a valorização da identidade gera orgulho interno e atrai apoio externo, a capacidade de comunicar e vivenciar essa singularidade cultural é um diferencial que se alinha com a perspectiva de organizações como a Ashoka, uma das maiores apoiadoras de empreendedores sociais.

Ashoka (2008) enfatiza que as soluções mais sustentáveis e genuínas para problemas sociais são aquelas que emergem do próprio contexto social, pois são mais eficazes e autênticas ao refletirem as necessidades e os saberes locais. Nesse sentido, a autenticidade cultural não é apenas um adorno, mas sim um motor de valorização que contribui diretamente para a longevidade e o impacto das iniciativas na Custaneira.

A capacidade de integrar o tradicional com o novo está presente na comunidade Custaneira. Para explorar essa questão, foi perguntado se era possível identificar exemplos de conhecimentos tradicionais sendo utilizados de forma inovadora ou adaptada nas iniciativas de empreendedorismo social locais.

A gente tá aprendendo a usar a internet pra vender nosso artesanato, mas a técnica de fazer a peça, de pintar, de usar as cores da nossa mata, isso é o nosso saber, é um jeito novo de mostrar o que a gente já faz há muito tempo (Líder quilombola, 2025).

Este exemplo ilustra a sinergia entre o tradicional e o inovador, onde novas ferramentas e tecnologias são incorporadas para potencializar a difusão e comercialização de produtos e serviços baseados em saberes tradicionais. No entanto, é natural que, ao integrar o novo, surja a preocupação sobre uma possível perda da tradicionalidade ou descaracterização cultural.

A relação entre inovação e preservação é um ponto de discussão constante e importante em pesquisas que abordam comunidades tradicionais e seu desenvolvimento. Viana (2003) argumenta que a inserção de lógicas de mercado e o uso de tecnologias externas podem, de fato, gerar um risco de descaracterização. A autora argumenta que a padronização, a aceleração da produção para atender à demanda ou a incorporação de materiais inovadores têm o potencial de descaracterizar a autenticidade do saber-fazer tradicional, podendo transformá-lo em um produto meramente comercial, despojado de seu significado cultural e simbólico original.

Todavia, a fala do líder da Custaneira sugere uma gestão ativa dessa tensão, ao afirmar que a técnica e os elementos naturais (cores da mata) são mantidos, mesmo com o uso da internet para vendas. Ele aponta que a comunidade exerce um controle sobre o processo de inovação e que a adaptação não é uma assimilação passiva, mas um processo consciente onde a comunidade decide o que integrar e como, garantindo que o novo sirva para amplificar o tradicional, e não para suplantá-lo. Essa capacidade de discernimento é essencial para que a inovação seja um instrumento de fortalecimento cultural e econômico, e não uma ameaça à identidade.

Kroeber (1948) argumenta que a cultura é um processo contínuo de adaptação e inovação, e a capacidade de integrar novos elementos sem perder a essência é um sinal de vitalidade cultural.

Portanto, é fundamental reconhecer que existem limites para essa integração, especialmente quando se trata de conciliar lógicas culturais com as demandas de um

mercado externo. A este respeito, buscou-se maior entendimento questionando ao líder sobre os potenciais e os limites da incorporação dos saberes tradicionais nas práticas de empreendedorismo social da comunidade.

O potencial é enorme, porque a gente tem uma riqueza de conhecimento que o mundo lá fora não conhece, a gente pode criar mais coisas, com a nossa cara, nossa identidade, mas o limite é que nem tudo que a gente faz pode ser 'vendido', nossas rezas, nossos rituais, isso é sagrado, não é pra mercado, e a gente não quer que as pessoas se apropriem do que é nosso (Líder quilombola, 2025).

O líder destaca o potencial de geração de valor econômico e social a partir da valorização dos saberes tradicionais, mas também demarca limites éticos e culturais, onde a comercialização de saberes tradicionais deve ser abordada com cautela para evitar a descaracterização cultural e a apropriação indevida. Ainda assim, Viana (2003) adverte para os riscos da mercantilização dos saberes tradicionais, que podem levar à perda de seu significado e à desestruturação das comunidades.

A capacidade de uma comunidade quilombola de buscar o desenvolvimento sem comprometer suas raízes culturais é um desafio complexo e contínuo. Para compreender como a Comunidade Custaneira lida com essa dinâmica indagado como se alcança o equilíbrio entre desenvolvimento econômico e social com a preservação de saberes tradicionais.

É um equilíbrio difícil, a gente quer melhorar de vida, quer ter mais oportunidades, mas não a qualquer custo, a gente sempre pensa: 'isso vai estragar a nossa terra? Vai fazer a gente esquecer quem a gente é?' Se a resposta for sim, a gente não faz, nossos mais velhos nos ensinam isso (Líder quilombola, 2025).

A fala do líder quilombola reflete um projeto de vida que prioriza a sustentabilidade cultural e ambiental acima de ganhos materiais efêmeros, demonstrando a profunda interconexão entre o ser, o território e a cultura, característica das comunidades quilombolas. A pergunta "isso vai estragar a nossa terra?" aponta uma ética do cuidado ambiental que transcende a exploração de

recursos, uma vez que para esses povos, a terra é a base de sua existência, de seus saberes e de sua reprodução social, cultural e econômica.

Essa visão se alinha com o conceito de "Bem Viver" (Acosta, 2016), que propõe um modelo de desenvolvimento alternativo ao paradigma ocidental, centrado na harmonia com a natureza e na satisfação das necessidades coletivas em detrimento do acúmulo individual.

Paralelamente, a indagação "Vai fazer a gente esquecer quem a gente é?" revela uma preocupação latente com a preservação da identidade cultural. Em um mundo globalizado, a pressão por homogeneização pode levar à perda de línguas, práticas, rituais e sistemas de conhecimento. Para o líder, o "custo" do desenvolvimento não pode ser a descaracterização do povo quilombola, de sua história e de seus valores. Como argumenta Little (2002), os saberes tradicionais não são estáticos; sua capacidade de adaptação reside em uma flexibilidade que mantém o "núcleo duro" da identidade, integrando o novo sem se diluir, onde os "mais velhos" atuam como guardiões dessa memória e desses princípios, assegurando que as novas gerações incorporem essa prática ética.

Quando se relaciona ao empreendedorismo social, essa fala é particularmente relevante, pois delimita o escopo e a natureza das iniciativas que, para serem consideradas legítimas e sustentáveis para a comunidade, não podem comprometer a integridade ambiental e cultural. Isso implica que qualquer projeto de empreendedorismo social na Custaneira deve ser pensado a partir de uma lógica endógena, em que as decisões são tomadas coletivamente e os benefícios são distribuídos de forma equitativa, garantindo que o "lucro social" seja compatível com a preservação do seu modo de vida. É um modelo onde a inovação é filtrada pela tradição e a sustentabilidade é um valor inegociável.

Nesse contexto, questionou-se de que forma as iniciativas de empreendedorismo social podem contribuir para a valorização e a continuidade dos saberes tradicionais na comunidade.

Quando a gente vende o artesanato e as pessoas perguntam como a gente fez, a gente conta a história, quando a gente mostra a roça comunitária, a gente explica o nosso jeito de cuidar da terra, isso faz com que a gente valorize mais o que é nosso e

que os jovens vejam a importância disso (Líder quilombola, 2025).

O empreendedorismo social atua como um canal de difusão e valorização dos saberes tradicionais, tornando-os mais visíveis e reconhecidos, tanto internamente quanto externamente, incentivando a sua continuidade entre as novas gerações (Cunha, 2009). No cotidiano dessa comunidade, é notável como o empreendedorismo social transforma a herança cultural em fonte de sustento e reconhecimento. O artesanato, por exemplo, vai muito além da simples venda de peças e carrega consigo as técnicas passadas de avós para netos, de histórias contadas e de símbolos que expressam a identidade quilombola. Quando um visitante adquire uma dessas peças, não está apenas comprando um objeto, mas levando consigo um pedaço da história e do saber-fazer da comunidade.

A culinária tradicional é outro pilar desse empreendedorismo, com receitas e ingredientes colhidos na roça, cujo modo de preparo ainda remete a antigas tradições e se tornam atrativos para quem busca sabores autênticos e uma conexão com a cultura local. Ao vender bolos, doces ou pratos típicos, as mulheres da comunidade não só geram renda, mas também celebram e perpetuam os conhecimentos sobre o uso de plantas, o manejo dos alimentos e a partilha à mesa.

Da mesma forma, a fabricação de beberagens à base de ervas e frutos nativos, muitas vezes com fins medicinais ou rituais, ressalta a farmácia viva do quilombo e o profundo conhecimento da flora local, ao compartilhar essas bebidas, os moradores não só promovem a saúde, mas também difundem um saber ancestral sobre as propriedades curativas e nutricionais da natureza ao redor, incentivando a preservação desse conhecimento para as futuras gerações.

Em todas essas iniciativas, o empreendedorismo social da comunidade Custaneira atua como um impulsionador fundamental para a preservação cultural, ao conferir um novo significado e maior visibilidade aos saberes tradicionais, o que permite que as gerações mais jovens reconheçam o valor intrínseco e o potencial econômico de sua herança. Esse reconhecimento os motiva a aprender e a dar continuidade a essas práticas tanto no presente quanto para o futuro.

Para avançar mais nessa reflexão, foi perguntado sobre os desafios em articular os saberes tradicionais com as exigências do 'mercado' ou de outras instituições externas.

Às vezes, o pessoal de fora quer que a gente padronize o artesanato, que faça mais rápido, que use outros materiais, mas isso descaracteriza o nosso trabalho, nossa identidade, eles não entendem que cada peça é única, que tem um tempo pra ser feita (Líder quilombola, 2025).

As exigências do mercado e as formalidades institucionais muitas vezes colidem com as lógicas e os tempos dos saberes tradicionais, gerando tensões e desafios significativos para comunidades como a Custaneira. A lógica de produção em larga escala, a necessidade de padronização, a velocidade do consumo e a burocracia documental entram em choque direto com os ritmos naturais, a valorização do feito à mão, a singularidade de cada peça e a oralidade que são a base da cultura tradicional.

Um exemplo claro dessa colisão é quando se exige que o artesanato seja produzido em grande volume ou com um padrão exato, para a comunidade. Cada peça não é apenas um produto, porquanto traz a história de quem a fez, o tempo dedicado, os materiais colhidos na mata e os ensinamentos transmitidos por gerações. A padronização ou a produção em massa podem desvirtuar esse valor, transformando um artefato cultural em uma mera mercadoria sem alma. Da mesma forma, a exigência de licenças, certificados e relatórios complexos pode ser avassaladora para comunidades que operam com base na confiança mútua e, muitas vezes, na informalidade.

Para que essa articulação seja bem-sucedida, a adaptação cultural e a flexibilidade são cruciais, mas não de forma unilateral, não se trata de a comunidade abrir mão de suas práticas para se encaixar no mercado, mas de encontrar um ponto de equilíbrio onde as exigências externas possam ser negociadas e adaptadas à realidade local. Isso significa que os parceiros externos — sejam mercados, ONGs ou governos — precisam demonstrar respeito profundo pela autonomia e identidade da comunidade.

Como Viana (2003) aborda, o perigo da descaracterização cultural é real quando a apropriação dos saberes acontece sem o consentimento e a participação justa das comunidades. A flexibilidade necessária é, portanto, de ambos os lados: a comunidade pode inovar e se adaptar a novas ferramentas (como a internet para vendas), mas o mercado e as instituições também devem ser flexíveis para valorizar a autenticidade, a singularidade e os processos que diferenciam os produtos e serviços tradicionais.

Sobre as perspectivas futuras, foi questionado sobre como se imagina a relação ideal entre os saberes tradicionais e as práticas de empreendedorismo social para o bem-estar e a sustentabilidade da comunidade Custaneira e o que desejam.

O ideal é que a gente continue se desenvolvendo, mas com a nossa cara, com a nossa força, que os jovens aprendam os saberes dos mais velhos e usem a cabeça para criar coisas novas, mas sempre respeitando a nossa terra, nossa cultura, que a gente possa ter uma vida boa, sem precisar abrir mão de quem a gente é (Líder quilombola, 2025).

Essa visão de futuro demonstra um anseio por um desenvolvimento endógeno e de base sustentável, onde o empreendedorismo social é um catalisador para o bem-estar e a continuidade cultural, profundamente enraizado nos saberes e valores da comunidade.

O líder quilombola articula um panorama que vai além do crescimento econômico linear, buscando um progresso que seja genuinamente compatível com a vida da Custaneira, como se pode perceber quando diz "com a nossa cara, com a nossa força". Essa expressão não é apenas um desejo de autonomia, mas um indicativo de que o desenvolvimento deve ser construído a partir dos recursos e forças internas da comunidade — seus conhecimentos, sua organização social e sua identidade cultural. O empreendedorismo social, nesse contexto, serve como uma ponte entre o passado ancestral e o futuro desejado, permitindo que a comunidade gere renda e melhore suas condições de vida sem comprometer a sua essência.

Além disso, a ênfase na transmissão intergeracional dos saberes é essencial. O fato de os jovens serem incentivados a "aprender os saberes dos mais velhos e usar a cabeça para criar coisas novas, mas sempre respeitando a nossa terra, nossa

cultura", aponta para um modelo de inovação, que é ao mesmo tempo progressivo e conservador. O conhecimento tradicional é a base sólida sob o qual novas ideias são construídas, garantindo que as soluções encontradas sejam culturalmente apropriadas e ambientalmente responsáveis. Dito de outra forma, é uma forma de assegurar que o "bem viver" seja uma realidade contínua, onde a prosperidade material caminha de mãos dadas com a riqueza cultural e a harmonia com o meio ambiente. Esse tipo de desenvolvimento, que emerge das próprias comunidades e respeitar seus ritmos e valores é o que oferece a verdadeira sustentabilidade a longo prazo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou a profunda conexão entre os saberes tradicionais e as práticas de empreendedorismo social na comunidade quilombola Custaneira, os resultados demonstram que o vasto conhecimento ancestral não só enriquece a vitalidade cultural do grupo, mas também serve como alicerce para iniciativas inovadoras voltadas ao bem-estar coletivo e à sustentabilidade, as ações empreendedoras na Custaneira, como a roça comunitária e o artesanato, vão além de um modelo de negócio formal, focando no trabalho coletivo, na partilha e na preservação de técnicas ancestrais, outras práticas, como mutirões e a troca de conhecimentos sobre ervas medicinais ou manejo da terra, evidenciam uma forte economia solidária baseada na reciprocidade e no apoio mútuo, essas iniciativas revelam um modelo de desenvolvimento intrinsecamente ligado à identidade da comunidade, priorizando a solução de problemas sociais e a geração de valor comunitário, e não primariamente o lucro.

A pesquisa destacou que os saberes tradicionais, transmitidos oralmente e pela experiência, atuam como um guia ético e prático, moldando desde o manejo da terra até a resolução de conflitos, a conexão holística com a natureza é central nessa cosmovisão, a articulação entre esses saberes e o empreendedorismo social é a espinha dorsal da resiliência e diferenciação das ações da Custaneira, evidenciando uma inteligência ecológica valiosa na gestão de recursos e desafios diários.

Apesar dos desafios de harmonizar a lógica comunitária com as exigências do mercado, a comunidade demonstra uma notável capacidade de adaptação cultural, integrando o novo sem perder sua identidade, em suma, o empreendedorismo social na Custaneira é uma estratégia de resistência, reprodução cultural e promoção do bem-estar, profundamente enraizada em sua identidade e conhecimentos, este estudo contribui ao demonstrar como esses dois campos se retroalimentam em um contexto quilombola, sublinhando a importância de valorizar formas de desenvolvimento que emergem de dentro das próprias comunidades.

Sugere-se a criação de projetos futuros que auxiliem na proteção e valorização dos saberes tradicionais e na estruturação das iniciativas empreendedoras, garantindo que o desenvolvimento econômico preserve a rica herança cultural.

7. REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- AGUIAR, A. **Organização das comunidades quilombolas no Piauí**. Entrevista concedida a Daniely Monteiro. Teresina, Piauí, 24 nov. 2010.
- ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. (Org.). **Histórias do movimento negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC/FGV, 2007.
- ALLUT, A. G. O conhecimento dos especialistas e seu papel no desenho de novas políticas pesqueiras. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, 2001. p. 101-123.
- ASHOKA. **Um mundo de empreendedores sociais**. São Paulo: Ashoka Empreendedores Sociais, 2008.
- ASSMANN, Jan. **Memória cultural e civilização antiga**: escrita, lembrança e imaginação política. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- ASSMANN, Jan. **Revolução religiosa e a invenção da tradição**: as origens da religião israelita e judaica antiga. Stanford: Stanford University Press, 2012.
- BAPTISTA, G. C. S. Importância da demarcação de saberes no ensino de Ciências para sociedades tradicionais. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 16, n. 3, p. 679-694, 2010.
- BECKER, S. Social Entrepreneurship. In: BECKER, S.; HACKENBERG, M. (Eds.). **Social Entrepreneurship**: a collection of essays on social and economic transformation. Boston: American Academy of Arts & Sciences, 2007. p. 1-17.
- BERKES, F. **Sacred Ecology**: Traditional Ecological Knowledge and Resource Management. Taylor & Francis, 1999.
- BORGES, R. A. **Conhecimento tácito em organizações**: uma revisão teórica. 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- BORZAGA, C.; DEFOURNY, J. (Eds.). **The Emergence of Social Enterprise**. London: Routledge, 2001.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 fev. 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm.

Acesso em: 27 maio 2024.

CALHEIROS, F. P.; STADTLER, H. H. C. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 133-139, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/16.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.

CANDAU, V. M. (Org.). **Redescobrir a didática**: um olhar a partir de diferentes referenciais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

COBERN, W. W. Constructivism and non-western Science education research. **International Journal of Science Education**, London, v. 4, n. 3, p. 287-303, 1996.

CUNHA, L. P. **Empreendedorismo social e desenvolvimento local**: o caso do Projeto Tecendo a Vida no Vale do Jequitinhonha. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

DAVEL, Eduardo; CORA, Maurício. **Novos arranjos organizacionais e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2014.

DE BRUIN, Andries. **Empreendedorismo e desenvolvimento regional**. Utrecht: Editora Universitária, 2005.

DEES, J. G. **The Meaning of “Social Entrepreneurship”**. Paper prepared for the Social Entrepreneurship Funders Working Group, 1998. Disponível em: <https://entrepreneurship.duke.edu/news-item/the-meaning-of-social-entrepreneurship/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, 2000.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

- DRAYTON, B. The Citizen Sector: Its Role in Building a New Century. **California Management Review**, Berkeley, v. 44, n. 3, p. 119-133, 2002.
- ELLEN, R. **Indigenous Knowledge of Rainforest**: Perception, Extraction and Conservation. University of Kent at Canterbury, 1997.
- FIABANI, A. O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: [s. n.], 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização**: entre as redes e os aglomerados. 1999. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- KROEBER, A. L. **Anthropology**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1948.
- LENCLUD, G. Qu'est ce que la tradition? In: DETIENNE, M. **Transcrire les mythologies**. Paris: AlbinMiche, 1994. p. 25-43.
- LEVITIN, Daniel J. **A mente organizada**: pensando claramente em um mundo sobrecarregado de informação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.
- LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília: UnB, 2002.
- MAIR, J.; MARTÍ, I. Social entrepreneurship research: a conceptual history. **Journal of Business Venturing**, New York, v. 21, n. 6, p. 764-770, 2006.
- MARTIN, Roger L.; OSBERG, Sally. Social entrepreneurship: ten myths about social innovation. **Stanford Social Innovation Review**, Stanford, v. 13, n. 3, p. 30-35, Summer 2015.
- MIRANDA, S. A. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 369-383, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a07.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.
- MORAN, E. **A Ecologia Humana das Populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

- NORA, P. Entre a memória e a história. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PEREDO, A. M.; MCLEAN, M. Social entrepreneurship: A call for wider theorization. **Journal of Social Entrepreneurship**, Philadelphia, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2006.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. **A reinvenção dos territórios**: a experiência do Bem Viver. Rio de Janeiro: FLACSO, 2004.
- POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária; capoeira, campos e cerrados (Kayapo). In: RIBEIRO, B. G. (Org.). **Etnobiologia**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 173-185.
- ROUÉ, Marie. Novas Perspectivas em Etnoecologia: “Saberes Tradicionais” e Gestão dos Recursos Naturais. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2000.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Edusp, 2006.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SCHMIDT, M. V. C. **Etnosilvicultura kaiabi no parque indígena do Xingu**: subsídios ao manejo de recursos florestais. 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.
- SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SOUTHERLAND, S. A. Epistemic universalism and the shortcomings of curricular multicultural science education. **Science & Education**, New York, v. 9, n. 3, p. 289-307, 2000.
- SPINELLI JR., João. **Empreendedorismo e inovação social**: um guia para catalisadores de mudança. São Paulo: Editora Inovação, 2024.
- TOLEDO, Victor M. Indigenous Knowledge on Soils: An Ethno ecological Conceptualization. In: BARRERA-BASSOS, N.; ZINCK, J. A. **Ethno ecology in a worldwide perspective**: an annotated bibliography. Enschede: International Institute for Aerospace. Survey and Earth Sciences, 2000.

VIANA, M. T. L. **Saberes tradicionais e propriedade intelectual**: possibilidades de uso e proteção. 2003. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

APÊNDICE A



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF. BARROS ARAÚJO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



1. Prezado participante, você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **‘NOSSA UNIÃO É NOSSA MAIOR FORÇA: SABERES TRADICIONAIS E O EMPREENDEDORISMO SOCIAL EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE**, desenvolvida por **Jaine Maria Leal Rocha**, aluno(a) do 8º período do Curso de Administração da Universidade Estadual do Piauí, Campus Prof Barros Araújo. O objetivo geral deste estudo é **analisar as práticas do empreendedorismo social na comunidade quilombola Custaneira na perspectiva dos seus saberes tradicionais**.
2. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você tem o tempo necessário para decidir sobre a sua participação. No entanto, caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma, você não será penalizado de nenhuma maneira.
3. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.
4. A sua participação será em responder uma entrevista sobre questões relacionadas ao empreendedorismo. A previsão de duração é de 30 minutos.
5. Os riscos na sua participação serão constrangimento para expor o que pensa sobre o tema em estudo ou ainda, a divulgação das informações fornecidas. Para minimizar esses riscos, o pesquisador se propõe a agendar previamente o horário da aplicação do questionário, de forma que seja o mais adequado para o senhor/a senhora.
6. Todavia, caso algum desses danos venha a ocorrer, o pesquisador assume a responsabilidade imediata de oferecer assistência, e se necessário, suspender a aplicação do questionário. Esta pesquisa se compromete ainda em preservar o anonimato dos participantes em todos os momentos do estudo, especialmente na divulgação e publicação dos seus resultados. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material será armazenado em local seguro, garantindo seu sigilo e privacidade.
7. Os benefícios desta pesquisa estão relacionados ao fornecimento de informações e subsídios úteis para diversas áreas, com foco no desenvolvimento sustentável e na valorização da cultura local.
8. Não haverá gastos na sua participação.
10. Ao término da pesquisa, você terá acesso aos resultados desta pesquisa.
11. Este documento é redigido em duas vias, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador. No caso de aceitar participar, por gentileza assine este documento.

Picos, 25 de ABRIL de 2025

Contato do Pesquisador(a) Responsável: (89) 9 8128 - 4037

Nome completo: Jaine Maria Leal Rocha

Telefone/endereço: BR 316, Km 299. Bairro Altamira. CEP 64602-000

Assinatura do Pesquisador (a) responsável
Bacharelado em Administração / UESPI Picos

Concordo em participar da pesquisa:

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE B
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O LÍDER DA
COMUNIDADE CUSTANEIRA

1. Quais são os saberes tradicionais mais valorizados em sua comunidade?
2. Como esses saberes são preservados e transmitidos entre as gerações?
3. Quais são os principais desafios na preservação desses saberes tradicionais?
4. O que você entende por empreendedorismo social?
5. Acredita que existem ações de empreendedorismo social sendo desenvolvidas na comunidade?
6. Se sim, pode nos contar sobre algumas iniciativas de empreendedorismo social que tiveram sucesso em sua comunidade?
7. Como a comunidade se organiza para apoiar essas iniciativas?
8. Quais são as principais fontes de financiamento e apoio para os empreendedores sociais na comunidade?
9. Como o empreendedorismo social tem impactado a qualidade de vida e a coesão da comunidade?
10. De que maneiras os saberes tradicionais têm sido integrados em projetos de empreendedorismo na comunidade?
11. Pode nos dar exemplos de ações/projetos que foram desenvolvidos com base nesses saberes?
12. Quais são os benefícios percebidos pelo uso dos saberes tradicionais no empreendedorismo?
13. Existem desafios específicos na aplicação desses saberes no contexto do mercado moderno?
14. Como você vê o futuro do empreendedorismo na comunidade quilombola?
15. Que conselhos você daria para jovens da comunidade interessados em empreendedorismo?
16. Existe algum planejamento em relação ao desenvolvimento econômico e social para os próximos anos?
17. Existe alguma história ou exemplo inspirador que você gostaria de compartilhar sobre o uso dos saberes tradicionais no empreendedorismo social?